Dr. Carlos Alberto Disandro

“Excomunhões” e regozijos fraternos

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Dr. Carlos A. Disandro

"Excomunhões" e regozijos fraternos

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Introdução....4
O falso papa reinante....5
Proclamação Doutrinal nº 1....9
Proclamação Doutrinal nº 7....12
A tática de Ecône....14
A tática de Ecône....17
Proclamações Doutrinais nº 10....23
INTRODUÇÃO....30

Introdução

Em 21.1.09 foi “levantada” por Roma apóstata a parte do decreto — ilegítimo e inexistente — que “excomungava” os quatro bispos da Fraternidade S. Pio X consagrados em 1988: Fellay, de Mallerais, Williamson e de Galarreta. Embora ainda vigente por certo a “excomunhão” a seus consagrantes: Lefebvre e Castro Meyer.

Esse levantamento parcial de algo que no fim não foi — ou seja, de nada –, trouxe, no entanto, por parte dos envolvidos, o alvoroço de uma resposta discretamente complacente, esperançada e claudicante, por suposto, ante o estupor de muitos de seus fiéis sinceros. E ante a clara resposta pública e clara de sacerdotes, autoridades e figuras de alguma relevância dentro do próprio lefebvrismo.

Inclusive os poucos, pouquíssimos, que algo disseram, insistem em empunhar declarações de Mons. Lefebvre que desautorizariam Fellay e seus adiutores. Esquecem que qualquer lefebvrólogo amador pode também encontrar profusão de declarações e atos do próprio Marcel que apoiariam abertamente os mesmos.

Pois tanto Lefebvre quanto aqueles que ele consagrou seguiram uma linha de idas e vindas que o Dr. Disandro, o Dr. Heller e outros defensores intransigentes da Fé denunciaram insistentemente ao longo de mais de 40 anos.

Isso é o que valida o restrito dossiê que segue aqui (1971-1993), com escritos todos do Dr. Disandro precisamente, nos quais se destaca o fogo de sua alma e de sua palavra, a clareza sem concessões nem respeitos humanos de sua doutrina impecável. O leitor deve reparar nas datas de cada escrito, e meditar sobre suas asserções e informações detalhadas. Assim chegará a entender por que nosso mestre, e nós com ele, afirmava: Ecône, colateral de Roma apóstata. Os últimos acontecimentos não fazem mais do que lhe dar plena razão.

O falso papa reinante

A Hostería Volante nº 27 – julho de 1971

Talvez esta seja a última nota da Hostería Volante sobre tão delicado e dramático tema. Por isso convém recapitular, em resumo sucinto, o horizonte obscurecido nos difíceis dias que se passam, obsessivos por uma falsa paz que é uma sinistra guerra, estimulados por uma falsa guerra que impede o fundamento da verdadeira concórdia e conduz, portanto, a uma sinistra paz.

Explicamos, em múltiplas notas, artigos, ensaios e conferências, que o caráter de uma autoridade irrita, e que a vacância de um poder religioso outrora consentido com ódio pelas potências intramundanas, hoje corroído e apoiado com deleitação por essas mesmas tendências apocalípticas, esotéricas, judeocabalísticas, judeocristãs, criptojudaicas, etc., é evidente. Esse caráter e essa vacância resumem-se no vínculo entre Igreja e Pontificado (transcendente e celeste), e na referência entre Pontificado e Pontífice (entitativa e histórica). Desta forma, percorremos, com intrepidez, um território conceitual, sobrecarregado por inevitáveis obscuridades; e, com modéstia, uma luz, coroada de resplendores inalcançáveis. Não temos mais nada a dizer, pois tudo será efeito deste sinistro pseudo-pontífice, que tudo utiliza para derrubar tudo: só lhe falta o último ato, a saber, a pretensão de anular a sacramentalidade trinitário-teândrica da Igreja, para convertê-la em uma empresa sociomórfica e intramundana, que participe e aglutine o governo mundial em execução. Esse rumo já se percebe em sua incrível alocução da Páscoa de 1971. A falsa missa prenuncia esta tenebrosa exigência das potências esotéricas, que hoje escravizam a Igreja.

Dissemos, nos últimos cinco ou seis anos, o fundamental de uma temática sinistramente calada pelos autodenominados teólogos tradicionalistas, que empunham a vara do tambor para ulular à obediência, enquanto a arquitetura da Fé desaba sob o picareta de Lenin-Montini; ou que dizem, em reserva, segredo e recato, as mais tremendas acusações contra o falso papa, mas que, em público, aconselham os jovens a

aceitarem o sinistro desígnio de engolir tudo, inclusive a destruição da pátria.

Não há mais nada a analisar: falso papa, falsa missa, falso ecumenismo, falsa música, falso evangelho, falsos clérigos, falsa renovação, falsa *lectio*, falsa teologia, falsa mística, falsa misericórdia e falsa justiça. O que vem, portanto, é ou o colapso da falsidade, ou o império de suas terríveis consequências escravistas. Se for o colapso, estamos preparados para prolongar a Fé na caótica anarquia que tudo arrastará; se for o império das trevas, estamos preparados para afirmar e sublinhar, unidos à mais profunda tradição, aquilo que consideramos substância da Fé. Isso sim: não sabemos se nos será concedida a coroa dos fortes. Mas este é um dom que se recebe; aqui falamos do que nossas fracas forças anteveem.

Entretanto, confirmamos, desde estas páginas peregrinas, como as de uma "hosteria" que finca seu brasão em qualquer rumo da pátria e do mundo, a conclusão que surge desta década sombria e que culmina neste ridículo e sinistro espetáculo de um pseudo-pontífice que converge com as mais cruéis e desumanas potências de escravidão (em nome da Ressurreição de Cristo) e que, transformando-se em profeta de uma esperança que não tem nada a ver com o Espírito, proclama com incrível e satânico orgulho a mutação ultramundana da humanidade. Para este judeu carbonário, a mística do anacoreta, do monge e do contemplativo desapareceu: só pensa que o homem é "príncipe dos céus", porque voa em ridículas cápsulas interplanetárias, das quais se riem até sinarcas como Toynbee. Desapareceu a meditação e a posse da vida intratrimítica: só pensa na vida do progresso, nas máquinas e no socialismo. Desapareceu a posse e meditação da humanidade de Cristo: só pensa em transformar pedras em pão, para se erguer diante das massas famintas (criadas pelas mesmas potestades que protegem Montini), como um novo deus, um deus intramundano, ou, ao menos, como seu eleito profeta ecumênico, sem Deus e sem Terra. Enfim, desapareceu todo ato de elevação na vida da Igreja: só pensa que pode rolar, monte Vaticano abaixo, sem sofrer qualquer detrimento, abrigado como está nas instâncias dos poderes

sinárquicos. Entramos, portanto, no último ato: a satanolatria, que conduz ao colapso ou à escravidão.

Não é fácil escrever estas linhas: mas devemos escrevê-las, para coroar um ciclo do qual temos consciência e que reafirmamos sem rodeios. Seus erros serão atenuados pelos densos anos que virão; suas verdades, ainda que poucas ou frágeis, resplandecerão na fuliginosa densidade que nos oprime. E, a partir deste passo tenebroso – na escravidão ou no colapso –, uns e outros perceberão, em sua modéstia e em sua nitidez, que na América soubemos suportar o cruel e duro peso da clareza penumbrosa.

Tais reflexões devem aplicar-se em primeiro lugar à nossa sofrida terra, por cuja continuidade, permanência e exaltação comprometemos — e temos comprometido — nossas horas mais lúcidas e mais fervorosas. Pois aqui, talvez como em nenhum outro rumo do mundo, as confrontações parecem mais desoladas e terríveis. Não ouvimos uma única voz dentre as sacras testas corrompidas que anseie — não digo que reclame — a autenticidade da Igreja, neste vômito sofístico das altas cátedras.

Estes “bispos” continuam sendo bispos, porque deixaram de ser *episcopos*.

As consequências de sua inserção político-temporal continuarão sendo terríveis; contra elas devemos fortalecer-nos para instaurar um Estado argentino livre da tutela de uma igreja ecumênica, subversiva, judeocristã, terceiromundista, pseudotradicionalista, empresarial, que exalta o pobrerio, porque corrompeu os pobres. Nosso programa político limita-se, neste caso, a reconhecê-la e a colocá-la de lado, para instaurar um “Estado bárbaro”. Segundo esta premissa, ordenam-se instâncias político-temporais fundamentais e sucessivas, que podem ser realidades na hora do colapso, ou que talvez possam ser meditadas nas sombras da escravidão. Aqui já nos escapam as conjunturas definitivas.

Finalmente, sublinhamos em incontáveis ocasiões, desde La Hostería Volante, o rumo previsível, a manobra obscura e farisaica, o desapego das hierarquias vaticanistas em relação à luz doutrinal e mística, a falsificação

de uma linguagem que se tornou, satanicamente, um campo de concentração linguístico, onde os escravos judeocristãos servem aos senhores mundialistas contra a Igreja de Cristo. Adotamos uma tessitura de nítido corte conceitual, e dela derivamos numerosas conclusões de ordem empírica. Já ninguém acusa La Hostería Volante de exageros (como nos anos 58–64), ou de muitas outras coisas concorrentes (como nos anos 64–70): simplesmente se a odeia, ou se a ama e protege; queima-se, ou se a solicita; exalta-se, ou se a afunda na lama. Não nos surpreendemos com isso nem nos incomoda. Pagamos o tributo da contradição próprio de toda obra humana.

Aos que nos odeiam, particularmente os clérigos, ou os que, sob sua condução, se regem pela bandeirola do inferno, pontuamos que no vasto mundo há lugar também para nós, e que, sendo como somos “arcaicos, obsoletos, obsessivos e teimosos”, não causamos absolutamente nenhum dano aos seus sinistros planos socialistas, ecumenistas, ou quais quer que sejam. Que não odeiem, pois, e deixem rota livre à nossa dramática requisitória. Ou que nos odeiem, mas cumpram seu dever na verdade, proclamando isso mesmo: que nos odeiam.

Aos que nos amam, particularmente aos que, vivendo na escravidão, desejam nossa liberdade espiritual, asseguramos que este é o fundamento de nossa existência, e que, no vasto mundo, sendo tão limitados como somos, a dimensão desse amor cobre todas as precariedades, contradições, incongruências e debilidades, e nos força a ser o que somos: **HOSTERÍA VOLANTE, NUNC ET SEMPER, QUE EM QUALQUER CASO EXISTIMOS POR ISSO, PARA AMAR NA VERDADE.**

O Bodegueiro

1971

Proclamação Doutrinal nº 1

[No encontro entre Monsenhor Lefebvre e Universitários Católicos Argentinos na Cidade da Santíssima Trindade e Porto de Santa Maria dos Buenos Aires, no dia 25 de julho de 1977, na Festa de São Tiago Apóstolo, Patrono das Espanhas.]

– A Igreja padece uma perseguição que assume a forma de uma guerra global SEMÂNTICA, conduzida por lobos disfarçados de pastores (que se apoderaram da SEDE VACANTE DO BISPO DE ROMA) e, mais concretamente, por um heresiarca poderoso: MONTINI.

– Essa guerra SEMÂNTICA afeta todo o edifício da FÉ, na medida em que a FÉ tem e deve ter uma expressão histórica na linguagem humana: A SEMÂNTICA DA FÉ (la portée sémantique de la FOI, c'est le contenu de la FOI).

– A primeira conclusão: NÃO PODE SER PONTÍFICE QUEM CONDUZ, PROMOVE E INCENTIVA ESTA GUERRA SEMÂNTICA. Cumpriu-se a profecia de La Salette: Rome perdra la Foi et deviendra le siège de l'Antéchrist., L'Église será éclipsée, le monde sera dans la consternation. (Roma perderá a Fé e se tornará a sede do Anticristo… A Igreja será eclipsada, o mundo estará mergulhado na consternação. Irmã Maria da Cruz, Pastora de La Salette.) (Cf. Abbé Gouin, *Soeur Marie de la Croix, Bergère de la Salette*, págs. 65–66).

– A Sé Romana está vacante, pois não pode ser exercida por um heresiarca que reúne arianismo, nestorianismo e judeocristianismo para provocar, na guerra semântica, A MUTAÇÃO DA FÉ.

– Cumpre-se o axioma teológico sustentado, entre outros, por São Roberto Belarmino: PAPA HAERETICUS DEPOSITUS EST (UM PAPA HEREGE ESTÁ DESPOSTO — PELO PRÓPRIO FATO DE SER HEREGE). (Cf. *De controversiis christianae fidei adversus huius temporis haereticos*, Terceira controvérsia, *De Summo Pontifice*, vol. III, Lib. II, Cap. 30, ed. Ingolstadtii, 1587). Em substância, um papa herético deixa de ser Papa (segundo Belarmino) e membro do corpo da Igreja. Pode ser julgado e castigado.

– Não há mais do que esperar para admitir a conclusão anterior: DESTRUIÇÃO DO CULTO E DOS RITOS, destruição da disciplina, destruição da doutrina, enfim, destruição de “LA PORTÉE SÉMANTIQUE DE LA FOI”.

– Cumpre-se igualmente a antiga advertência de Santa Hildegarda von Bingen: *Omnita praecepta quae Ecclesiae tradita sunt deridet* (Todas as normas que a Igreja recebeu da tradição são objeto de desprezo, *Scivias*, Lib. III, cap. XI, PL 197, col. 719).

– A infiltração que a Igreja sofre não é a do liberalismo; é o judeocristianismo, que significa a reversão teológica e semântica pela qual se subverte o antigo apotegma de Santo Agostinho: *quod latet in vetere, patet in novo testamento* (o que está oculto no Antigo Testamento é patente no Novo). Axioma que agora, ao contrário, se torna: *quod latet in novo, patet in vetere* (o que está oculto no Novo Testamento é patente no Antigo), pelo que é mais Isaías do que São João Evangelista, mais o regime da lei mosaica do que a ordem da graça. Como pode ser sucessor de Pedro quem maneja esta dialética destruidora da Igreja e da Fé?

– O judeocristianismo cumpre a sentença do cardeal Daniélou: *le marxisme, c’est la coronation évolutive du judaïsme, puis du christianisme* (o marxismo é a coroação evolutiva do judaísmo e, por conseguinte, do cristianismo). É a reversão semântica que dá por abolido o MISTÉRIO TRINITÁRIO-TEÂNDRICO.

– Uma é a semântica do judaísmo; outra, a semântica do cristianismo. Por isso diz a famosa sentença de Santo Inácio de Antioquia (da geração apostólica): ὁ γὰρ Χριστιανισμὸς οὐκ εἰς Ἰουδαϊσμόν ἐπίστευσεν, ἀλλ΄ Ἰουδαϊσμὸς εἰς Χριστιανισμόν. (Não foi o Cristianismo que creu no Judaísmo, mas, ao contrário, o Judaísmo no Cristianismo. – *Epist. ad Magnesios*, cap. 10, in fine. Texto grego ed. Funk-Bielmeyer). E por isso acrescenta: “Porque até mesmo os Profetas viveram conforme a Jesus Cristo.” (cap. 8).

– As heresias trinitárias e cristológicas resumem-se agora em uma grande heresia eclesiológica, que passará à história da Igreja com o nome de

HERESIA MONTINIANA. Esta heresia, por meio da guerra semântica, busca ABATER A SEMÂNTICA DA FÉ, o que quer dizer ABOLIR A IGREJA, para edificar em seu lugar, no coração dos fiéis, o reino apocalíptico da Besta. Sabemos, porém, que a Igreja triunfará, SEMPRE; segundo a promessa inviolável de Nosso Senhor Jesus Cristo, PERFECTUS DEUS ET PERFECTUS HOMO (Santo Atanásio, Símbolo da Fé).

– NÃO HÁ PONTÍFICE LEGÍTIMO, MAS UM USURPADOR DA SÉ APOSTÓLICA. A NOVA MISSA É UMA FALSA MISSA, e os fiéis são reconduzidos à idolatria. NÃO HÁ DISCIPLINA, NEM SABER, NEM CIÊNCIA SACRA, NEM LÍNGUA SACRA. A IGREJA MILITANTE ESTÁ NA TOTAL OBSCURIDADE. CHEGARAM OS DIAS DE ENOQUE E DE ELIAS.

– O resumo encontra-se no texto latino com que o interlocutor se dirigiu a Monsenhor Lefebvre:

DOMNE PATER, SACERDOS IN AETERNUM SECUNDUM ORDINEM MELCHISEDEC IN ECCLESIA GALLICA, VACANTEM DICITE SEDEM ROMANAM. SALUS FIDEI ET ECCLESIAE CONSUMMABITUR IN TENEBRIS. (Monsenhor, sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque na Igreja da França, proclamai a vacância da Sé Romana. A salvação da Fé e da Igreja consumar-se-á em meio às trevas).

[Nós o proclamamos, invocando a celeste e alta proteção de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário da Reconquista e Defesa de Buenos Aires, para que a Senhora de Lepanto guarde e avive a Fé dos Povos Ibero-americanos, protegendo com seu manto as Espanhas, a Espanha e as Nações Ibero-americanas, da Tirania Bolchevique, cujas negras sublevações já se divisam no horizonte.]

Proclamação Doutrinal nº 7

[Insinua-se no horizonte da Igreja pós-conciliar um GRANDE ACORDO VATICANO (GAV), que englobaria tradicionalismo e progressismo, integrismo e profetismo, Concílio de Niceia e Concílio Vaticano II, numa manobra para superar as dificuldades que enfrenta a guerra semântica conduzida desde Roma e contra Roma pelos inimigos da Fé. É preciso esclarecer esta manobra e reafirmar A SEMÂNTICA INCONCUSSA DA FÉ TRINITÁRIA E TEÂNDRICA, imune ao judeocristianismo.]

I. Três pontos fundamentais conteria o GAV. O primeiro: reinterpretar o Vaticano I a partir da Tradição, e não, como ocorreu no reinado de Montini, a Tradição a partir do concílio. O segundo: liberdade de rito para a Missa de São Pio V e o *Novus Ordo* (em paridade semântica). O terceiro: rejeitar a tese da Vacância do Pontificado e sustentar a abolição da Bula de Paulo IV (quarto) pelo Código de Bento XV. São papas legítimos, pois, Roncalli, Montini, Luciani, Wojtyła, propulsor e executor deste GAV.

II. Como consequência do GAV: contatos fluidos entre as duas alas católicas, seja pela via do tradicionalismo mitigado, seja pela via do progressismo conciliar moderado (segundo a experiência polonesa), repressão dos extremos, proibição de atacar Paulo VI, paz litúrgica, etc. O GAV poderia abranger, pois (segundo os planejadores), desde Mons. Lefebvre até o cardeal Šeper, passando por uma multidão de grupos de condução autônoma. Há precisamente uma campanha para reduzi-los à "grande manobra" do acordo e uma estratégia servida por revistas, personagens, reuniões e declarações confusas e contraditórias, destinadas a semear o desconcerto, a falsa informação e, sobretudo, a ALIMENTAR A GUERRA SEMÂNTICA.

III. Os que há mais de vinte anos trabalhamos a partir dos Institutos Cardeal Cisneros (La Plata), Santo Atanásio (Córdoba), Leopoldo Lugones (Buenos Aires), os que na **Hosteria Volante** denunciamos sem cessar a heresia montiniana, buscamos uma vasta documentação para abatê-la e enfrentamos as mais graves questões

doutrinais na atual obscuridade da Igreja, não aceitaremos o GAV. Valha esta única e precisa afirmação.

IV. Mas, ao mesmo tempo, alertamos os amigos da América e da Europa e instamos a uma definição que interrompa a manobra, na medida em que: a) a VACÂNCIA DA SÉ APOSTÓLICA, por força da Bula de Paulo Quarto; b) o Vaticano II, concílio herético, não pode ser reinterpretado, deve ser ANULADO; c) NULIDADE DO *NOVUS ORDO MISSAE*; d) correto planteamento da resposta à "guerra semântica contra a Fé".

V. Não esqueçamos a sentença de São Vicente de Lérins em seu *Commonitorium* (século V): "O que deve fazer um cristão, supondo que algum novo erro contagie como uma peste não apenas uma parte, mas a totalidade da Igreja? Deve, pois, preocupar-se em manter-se ligado à ANTIGA TRADIÇÃO DOS PADRES, que, sendo já do passado, não pode ser corrompida de modo algum por nenhuma espécie de FALSA RENOVAÇÃO". Chegaram precisamente esses tempos: não é agora a peste do arianismo, do nestorianismo ou do pelagianismo, mas a HERESIA MONTINIANA, de gravíssimas consequências para a Fé.

VI. Não esqueçamos a Constituição Apostólica de Pio VI *Auctorem Fidei*, de 28 de agosto de 1794, que condenou o Sínodo de Pistóia, primeira ofensiva semântica pós-luterana NO CORPO MESMO DA IGREJA CATÓLICA ROMANA. Desse Sínodo, o Concílio Vaticano II é a perversa consolidação, reinterpretação e adaptação à hierarquia maçônica da "igreja" ultramundana. Mas Pio VI o advertiu de modo meridiano PARA TODOS OS TEMPOS QUE SE APROXIMAVAM. Estamos agora neles.

[Às manobras é preciso responder com A FÉ DE NICEIA, ÉFESO E CALCEDÔNIA, sem rodeios, sem compromissos, sem modulações nem adaptações. A manobra pretende SALVAR A IGREJA EM SUA RADICAÇÃO ECUMENISTA JUDEOCRISTÃ. Mas é A IGREJA QUE SALVA, pela Fé inconcussa e sem mácula, pelo CULTO MISTÉRICO, pela virtude do Espírito na OBRA VIVENTE DA FÉ.]

Advertimos por esta única vez a todos os amigos da América e da Europa.

Carlos A. Disandro, 16 de abril de 1979

A tática de Ecône

Colateral de Roma apóstata (1ª parte)

I. É singular o caminho seguido por Monsenhor Lefebvre, desde os dias do nefasto e herético Concílio Vaticano II. Vejamos. Promove, durante o Concílio, o famoso COETUS, que serve para denunciar, diante de Montini, a verdadeira posição antimodernista e antiprogressista; não assina algumas Declarações, mas aceita *in integrum* a autoridade do Concílio; promove o exame do *novus ordo* montiniano, mas depois se recusa a assinar juntamente com os cardeais Ottaviani e Bacci; funda Ecône com o apoio de Paulo VI, e depois contradiz sua autoridade canônica; diz respeitar a Igreja do Concílio de Trento e funda uma jurisdição universal (na qual ele é superior "pro-pontífice"), mas defende ao mesmo tempo a jurisdição de João Paulo II (diante de quem acusa seus amigos); assinala a hereticidade do *novus ordo* e fulmina como cismáticos seus próprios seguidores que enfrentam sem rodeios a subversão DOUTRINAL e MÍSTICA na Igreja; funda priorados e "centros de missa", cuja primeira função política é absorver o que existia de tradição canônica inequívoca, ou, em caso contrário, simplesmente combatê-la e dissolvê-la. Seria interminável a lista de incongruências doutrinais e canônicas de Mons. Lefebvre.

II. As coisas chegaram a um extremo intolerável, com as explicações e diretrizes de Monsenhor Lefebvre, datadas de 8 de novembro de 1979. (Publicadas primeiro em *Cor Unum*, boletim da Fraternité, reproduzidas depois em *Fideliter*, boletim dos priorados da França e da Bélgica, nº 13, fevereiro de 1980; e também em *The Angelus*, Dickinson, Texas, EUA). Esse texto implica uma acusação infundada contra todos os que sustentamos a "Vacância da Sé Apostólica" e o caráter NULO, HERÉTICO, ANTITRADICIONAL do *novus ordo* montiniano, equiparando-nos de modo pérfido à seita de Palmar de Troya e a outras. Monsenhor Lefèbvre toma partido da Roma apóstata (como em uma de suas tantas viradas incongruentes e nefastas), toma partido no próprio contexto do campo tradicionalista; arrasta consigo gente ignorante,

temerosa, desinformada, mas que, de todo modo, quis permanecer leal à Fé; arrasta-a precisamente por uma nova confusão entre AUTORIDADE e VERDADE; e, por fim, enfrenta os FIÉIS SEM RODEIOS, colocando-se do lado dos impostores de mitra e dos pérfidos de báculo.

III. Quem assina esta declaração nunca apoiou Mons. Lefebvre, como o sabem perfeitamente bem troianos e tirianos na Argentina, no México, na França, na Alemanha, etc. Na entrevista de 25 de julho de 1977, em Buenos Aires, requeri-lhe a proclamação da vacância de Roma, que ele rejeitou, como era de se esperar.

Respondeu-me que era uma solução e uma atitude coerente, mas que não a compartilhava, e repetiu os mesmos argumentos do texto de novembro de 1977. Mons. Lefebvre girou em direção à autoridade IRRITA *[nula]* da Roma apóstata e agora nos acusa de cismáticos. Não posso tolerar isso nem o tolerarei.

IV. Alertado por outros amigos da França, do México e da Alemanha, segui e sigo com atenção o rumo deste incrível e enigmático bispo, que alguns tiveram e têm por lábaro da Fé. E se, há quase vinte anos, nos momentos de preparação e execução da primeira etapa do Vaticano II, não tive temor de assinalar o caminho da apostasia, pouco a pouco concertada na Sé Romana; se depois apontei diretamente Montini como a GRANDE MENTIRA e a GRANDE USURPAÇÃO, *a fortiori* tampouco terei medo de enfrentar as manobras de Mons. Lefebvre, de Ecône e de seu suposto tradicionalismo (uma forma mitigada do judeocristianismo).

V. Finalmente, o próprio Mons. Lefebvre, em uma conferência especial, pronunciada na Casa Alemã de Montreal (Canadá), no dia 26 de maio de 1976, REVELOU, sem que ninguém lhe tivesse perguntado, a filiação maçônica do “cardeal” LIÉNART e acrescentou ainda que “ce cardinal Liénart, je dois vous dire, c’est mon évêque, c’est lui qui m’a ordonné prêtre, c’est lui qui m’a sacré évêque; je n’en puis rien, heureusement que les ordres sont valides (?), mais c’est tout de même avec beaucoup de peine que j’ai appris cela”. Sabemos, em consonância com esse desvelamento, que o “cardeal” Liénart filiou-se à maçonaria em 1912 (antes ou depois de ser bispo?). De qualquer modo, *ipso facto*

excomungado pelo Cânon 2335 (do código que Mons. Lefebvre defende). Em 1924, tinha em sua Loja, na França, o grau maçônico 30. Por sua vez, Mons. Lefebvre nasce em Tourcoing em 29.XI.1905. É “ordenado” sacerdote pelo “bispo” Liénart (grau 30) em 21.IX.1929 e, pelo mesmo “bispo” ali-graduado Liénart, recebe Lefebvre a “consagração” episcopal em 18.IX.1947. Tais são os pós destes lodos da Igreja.

VI. Era Liénart bispo legítimo? É, pois, Lefebvre bispo legítimo? São legítimos, canonicamente válidos, os sacerdotes que Lefebvre ordena em Ecône? O que é então Ecône? POR QUE LEFEBVRE LANÇA ESTA REVELAÇÃO, sim, repito, REVELAÇÃO insólita em momentos tão graves para a Vida da Fé, para a Igreja governada por uma hierarquia apóstata? Creio ter a chave, ao menos intuitivamente. Mas isso será motivo de uma segunda declaração, se as circunstâncias o exigirem.

Não tenho nada contra a pessoa de Mons. Lefebvre. Mas, se mantenho a COERÊNCIA DOUTRINAL QUE SEMPRE DEFENDI, ESTOU OBRIGADO A CONCLUIR, COM A BULA DE PAULO IV, que Lefebvre, por APOIAR A PROMOÇÃO DA HERESIA, CARECE DE TODA ENTIDADE CANÔNICA. E TODOS OS SEUS ATOS SÃO NULOS, como os de Montini, Luciani e Wojtyła.

Dr. Carlos A. Disandro

La Plata, 29 de março de 1980.

A tática de Ecône

Colateral de Roma apóstata (2ª parte)

[Passou mais de um ano desde a resposta que formulamos contra Lefebvre e seus curiosos giros na Igreja pós-conciliar, da qual ele faz parte. Nesse ínterim, outros acontecimentos e informações projetam alguma luz sobre o enigmático bispo, em particular sua viagem ao México e as consequências dessa viagem em tudo o que diz respeito ao combate da Fé, que o lefebvrismo quer desviar, obscurecer ou anular. Oferecemos aqui alguns pormenores, que confirmam nossa acusação lapidar: Ecône, colateral de Roma apóstata.]

I. O prior ou pró-vigário de Lefebvre nos Estados Unidos é o padre Héctor Bolduc. Ora, na revista *The Angelus* (cujo diretor é, naturalmente, o próprio Bolduc), junho de 1981, o pró-vigário de Ecône na América assina um artigo intitulado *Mexico and the Church: Today and Tomorrow*, que constitui um ataque malicioso contra o grupo mexicano Unión Trento (doravante U.T.), fiéis ao pensamento do padre Sáenz y Arriaga. Vários sacerdotes integram a U.T. (entre eles seu presidente, o padre Moisés Carmona) e muitos fiéis amigos, como Anacleto González Flores, Gloria Riestra, Enrique Salinas, etc.

II. No princípio, enquanto Lefebvre manifestou uma doutrina íntegra e uma clara vontade de combater a apostasia romana (Vaticano II, falsos papas, falsa missa, falsa bíblia, etc.), estabeleceu-se uma certa relação amistosa com o arcebispo francês, apesar de minhas advertências, a ponto de os mexicanos terem ajudado em muitos pormenores o Pe. Bolduc. A tensão, insinuada primeiro pela equivocidade de Lefebvre, tornou-se logo violenta. Os mexicanos acabaram por acusar — e acusam — publicamente Lefebvre de traidor.

III. Nessas circunstâncias ocorre a viagem do prelado ao México. Suas atividades lhe foram relatadas por Anacleto González E., por meio de carta de 21/02/1981, a uma das figuras do tradicionalismo dos Estados Unidos, o sr. C. J. Diehl, ligado também, naturalmente, às atividades de Bolduc nos EUA. Cópia dessa carta, por vias que o sr. Diehl desconhece, chegou às mãos de Bolduc, que, com ânimo de difamar a U.T. e em especial Dom

Anacleto González E., utiliza parágrafos fora de contexto no artigo já mencionado de *The Angelus*. Insinua a suspeita de um desentendimento entre o Pe. Sáenz e o grupo Trento, ao qual acusa "as being too busy playing politics... to bother with vocations, the Mass or the Church" (de estar ocupado demais com manobras políticas… a ponto de não se preocupar com as vocações, a missa ou a Igreja). Maliciosamente, o artigo de Bolduc usa informação distorcida para acusar o grupo Trento de colaborar com marxistas e maçons mexicanos.

O sr. Diehl dirige-se então por carta (11 de julho de 1981) ao Pe. Bolduc, exigindo-lhe a retratação de tais afirmações. Desse material extraímos informação altamente interessante sobre as atividades de Bolduc e Lefebvre no México, que servem para nos ilustrar sobre as atividades de Faure e Lefebvre na Argentina.

II

I. Em primeiro lugar, Bolduc empenhou seus esforços para romper os laços que uniam uma família mexicana (que apoiava com seus recursos o Pe. Sáenz e compartilhava seus critérios sobre a sede vacante e o *novus ordo*), e que, como é natural, continuava apoiando a U.T. O caminho escolhido por Bolduc foi o de um membro da MURO (organização judaizante e maçônica): o sr. J. M., da cidade de Juárez. Bolduc obteve êxito em sua cizânia, com o argumento de que a U.T. estaria comprometida em atividades políticas. A família mencionada aparentemente interrompeu sua ajuda a Trento.

II. Essas mesmas pessoas avisaram Bolduc sobre a inconveniência da viagem de Lefebvre ao México, em vista da oposição do grupo Trento. Mas Bolduc entrou secretamente no México pela Cidade Juárez, voou para a Cidade do México e depois para Veracruz. Bolduc e Lefebvre foram acompanhados pelo padre Babinette e pelo padre Faure (1), sendo atendidos por um clérigo mexicano, o padre Esteban Camacho Baruki, de antecedentes pouco recomendáveis: ex-condenado, de origem judaica

(como indica seu segundo sobrenome). Cabia ao judeu Baruki visitar as comunidades e templos vinculados à U.T., oferecendo dinheiro para a recepção de Dom Lefebvre. Quase todas as localidades se recusaram a permitir a Lefebvre o uso dos templos, com exceção de Ojitlán, Oaxaca.

III. Além disso, os jornais de Morelos (diocese do inacreditável Méndez Arceo) publicaram a reportagem de uma entrevista ocorrida entre o bispo (Méndez A.) e o arcebispo (Lefebvre). Esses jornais confirmam a notícia de que os bispos Méndez Arceo e Talamas incentivaram publicamente a população a prestar apoio a Lefebvre, pois alguns grupos (como o de Trento) tentavam promover sua expulsão do México. Por sua vez, o governo designou ao arcebispo uma guarda de segurança.

Esses jornais de Morelos publicaram ainda, usando os nomes de alguns dirigentes locais ligados a Trento, um convite a Lefebvre para visitar os templos da U.T. A reação desta não se fez esperar, por meio de solicitadas (no jornal *Excélsior*, por exemplo) para rejeitar a visita do arcebispo a tais igrejas. Nelas, além disso, foram afixados cartazes com a divisa: **Proibido para Lefebvre e Méndez Arceo. Esta é uma igreja católica.**

IV. Lefebvre voou para Guadalajara para visitar, em sua residência de verão, um banqueiro americano (no Lago Chapala). Em seguida retornou à Cidade do México para visitar relações do padre Baruki, a família Assad, de suposta origem sírio-libanesa (convém recordar que o presidente judeu Calles fez entrar no México numerosos judeus como se fossem sírio-libaneses). A família Assad está relacionada com a viúva do ex-presidente Ávila Camacho.

V. Por fim, o historiador e jornalista Antonio Rius F. enfrentou publicamente Lefebvre, quando este tentou explicar a posição de Ecône. O arcebispo declarou que, se não reconhecesse publicamente a autoridade de João Paulo II e o caráter católico do pós-Concílio, perderia seus seminários. No debate sobre a Missa, o arcebispo esclareceu **QUE ELE AGIA SEGUNDO INSTRUÇÕES DO CARDEAL SIRI**. Que Siri e outros (supostos) tradicionalistas eram severos opositores de João Paulo II (!). Por fim, Lefebvre proferiu uma conferência na qual atacou o padre Sáenz, seguramente para agradar a seus mandantes do Vaticano, aos quais

rendeu o seu exército. Por esses mandantes, Lefebvre fez, portanto, tudo o que pôde para destruir a resistência católica no México.

VI. Eis a pergunta tremenda do senhor Diehl ao padre Bolduc, da confissão lefebvrista, pró-vigário do instrumento do cardeal Siri, vassalo por sua vez do polonês que faz as vezes de “papa” na Sé vacante:

“Fr. Bolduc, where are you coming from? Could it be that your real objective is to destroy the catholic resistance in Mexico as part of some agreement worked out with Vatican?” (“Padre Bolduc, de onde o senhor vem? Poderia ser que o seu verdadeiro objetivo seja destruir a resistência católica no México como parte de algum acordo elaborado junto com o Vaticano?”)

III

I. Para nós, o comportamento de Lefebvre não tem absolutamente nada de estranho; ele é UM entre os agentes da Roma apóstata que trabalham para reduzir a um só rebanho as supostas hostes tradicionalistas. Já em abril de 1979, isto é, há mais de dois anos, nas Proclamações Doutrinais nº 7 (cf. *La Hostería Volante* nº 31, p. 20–22; ver aqui p. 5), denunciei o “Grande Acordo Vaticano” (GAV). O que diziam então Bárbara, Lelay e os supostos chefes de fila do tradicionalismo argentino, mistura de nacionalisteiros e jesuítas? Não será que também Bárbara recebe instruções de algum cardeal contrário a K. Wojtyła? Não será que tais instruções comportam: 1) reunir os duros que ainda restam, anti-wojtylianos e anti-lefebvristas; 2) buscar na América um bispo que respalde essa operação tática de “bolsão”; 3) silenciar por completo a verdadeira tarefa, o verdadeiro combate, as verdadeiras fontes que vêm sendo expostas por nós, ao menos há mais de vinte anos?

II. A atitude de Lefebvre e de Bolduc no México é plenamente coerente com a atitude de Lefebvre e de Faure, seu pró-vigário na Argentina, ligado ao menos até março de 1981 a Bárbara e Lelay. Pois, se assim não fosse, como explicar que os três convergissem no mesmo templo da seita

lefebvrista em Córdoba, e no mesmo dia? Depois, Bárbara reuniu as pessoas (em Córdoba) na casa de um certo senhor S. (também sírio-libanês): não é a mesma história promovida no México pelo padre judeu Baruki? Quem é o judeu que atua como elo na Argentina, em Buenos Aires ou em Córdoba? A suposta divisão — que agora se acentua — recolhe, pela via de Bárbara, os "duros", embora desprovidos de juízo, como se pode ver nas deploráveis revistas "tradicionalistas", panfletos e panfletinhos.

III. Não preciso, portanto, revelar a chave da minha interpretação, já sugerida nas Proclamações Doutrinais nº 7. O próprio Lefebvre deixou à mostra a fonte de sua manobra. Convém, isso sim, inscrevê-la no contexto mais amplo em que tudo se esclarece perfeitamente. Antes de tudo, observemos que a história de Lefebvre no México é idêntica à história de Lefebvre na Alemanha.

A revista *Binsicht* (dirigida pelo Dr. Eberhard Heller) registrou minuciosamente, em diversas edições dos últimos cinco anos, as manobras de Lefebvre, por intermédio de seus sacerdotes — agentes de Ecône — para destruir centros de missa e comunidades independentes, por meio de pressões de toda espécie. Não faltam ameaças telefônicas, nem o panfleto vil e a difamação.

Na Argentina, os centros lefebvristas são Buenos Aires, La Plata e Córdoba. Suas intrigas, suas incríveis coortes de ignorantes (como a Falange de Fe e outros grupos mais ou menos fantasmas) dedicam-se, entre outras coisas, a atacar, corroer e acusar os Institutos de Cultura Clássica "Cardeal Cisneros", "Santo Atanásio" e "Leopoldo Lugones". Nós, porém, rejeitamos toda condução clerical, inclusive a de Barbara e Lelay. Livres, aceitamos com piedoso fervor a justiça divina. Não compramos o céu.

IV. O lefebvrismo mantém na sombra a gente honesta que o segue. Promete-lhes um metro quadrado de paraíso, exibindo a bandeirola do inferno com um lamentável texto de Santo Agostinho, como se pode ver na incrível circular da Fraternidade, de julho de 1981. No panfletinho verticalizado, sem data, intitulado "enumeração dos fatos" (que serve para

eludir a DOUTRINA), tudo é vago (nem Montini é mencionado). Na carta de Lefebvre (maio de 1981), o arcebispo adoça sua estada no México, silenciando as verdades incômodas.

A regra da terceira ordem é risível. A prosa de seus "doutores", a propósito dos meus trabalhos, destila ódio e uma ignorância descomunal. Não tratam do essencial. Vale ou não vale a Bula de Paulo IV? etc., etc.

V. Por fim, podemos talvez prever a manobra de Wojtyla, Siri e do Terceiro Personagem, por ora na sombra (acaso Siri não esteve também, para a imensa maioria dos cordeiros, na sombra?). A primeira fase da manobra consistirá em reconhecer a validade da **hierarquia anglicana** (bispos e clérigos), anulando assim a *Apostolicae curae* (de Leão XIII, 13 de setembro de 1896; Denzinger 3315). A segunda fase admitirá, para a congregação lefebvrista (**somente para a congregação de Lefebvre**), o rito latino de São Pio V. Na terceira fase, caso Barbara e Lelay tenham conseguido o bispo tradicionalista (entre algum aposentado argentino ou brasileiro), o Terceiro Personagem na sombra pressionará por um acordo entre Lefebvre e o bispo de Barbara. Enquanto isso não ocorrer, Barbara e seu bispo serão como hoje Lefebvre e seus padres, priores e seminários (suposto canal dos duros, última *voie de garage* de um itinerário que não leva a lugar algum).

Ficam fora do esquema a União Trento do México, a união dos Institutos de Cultura Clássica — cuja direção me cabe — na Argentina, e a revista *Hinsicht* da Alemanha. Assim compreendemos que, na tática dos bolsões, das derivações e da *voie de garage*, a palavra de ordem dos mandantes de Lefebvre — e dele como mandante de outros — seja precisamente DESTRUIR A RESISTÊNCIA, como o afirma o esclarecido senhor Diehl, dos Estados Unidos. Nós, porém, também sabemos combater COM TODOS OS MEIOS LEGÍTIMOS, sem realizar a obra obscura dos fariseus na Igreja e contra a Igreja.

Dr. Carlos A. Disandro
31 de agosto de 1981

Proclamações Doutrinais nº 10

O enigma de Dom M. Lefebvre

Talvez tenha chegado a hora de precisar, com clareza inobjetável, o horizonte das controvérsias doutrinais e práticas que explicam as ruínas impressionantes da outrora grandeza hierárquica, cultual e mística da Igreja Romana, como já expus sob outro enfoque no texto da minha *Resposta ao "Cardeal" Ratzinger* (*A crise da Fé e a ruína da Igreja Romana*, La Plata, 1986).

De um lado, encontram-se as ruínas — ainda poderosas — em torno de Wojtyla, do próprio Ratzinger, do Vaticano, da Cúria Romana, etc., que por comodidade chamarei de "a seita ecumenista de João Paulo II".

De outro lado, com sinais de pretensão equivalente, embora não de igual extensão, autoridade e imponência canônica e autoritária, está a "seita tradicionalista do lefebvrismo", que convencionamos chamar de "a seita de Ecône", a qual reconhece — ainda que de modo mitigado — João Paulo II como se fosse um "pontífice legítimo", mas lhe disputa a condução vertical e autoritária da antiga ordem romana.

Frente a essas duas seitas, nas quais se divide de forma massiva a "igreja católica romana" —com sinais do Cordeiro, mas voz do dragão, como diria São João— projeta-se, por um lado, a Contre-Réforme Catholique do Abbé G. de Nantes, estendida à França, ao Canadá, à Inglaterra e também à Argentina; Abbé, doutrinalmente ilustrado, conjunturalmente informado, e muito informado, mas praticamente esquizofrênico. De tal maneira que sua famosa ortodoxia e ortopraxia se reduz também a uma ruína, majestosa em todo caso. Depois, a linha de bispos consagrados pelo arcebispo vietnamita Mons. Thuc: duas representações concretas e descendências canônicas, claramente divergentes; uma, antes de proclamar a vacância da Sé Romana (Palmar de Troya e suas incríveis confusões, trevas e desatinos); outra, depois de proclamar a vacância da Sé Romana e, por conseguinte, a nulidade dos pontificados de Paulo VI e João Paulo II, ou seja, substancialmente, a linha dos bispos mexicanos e, posteriormente, a de Guérard des Lauriers e

outros sucessivamente consagrados, pouco fiéis, na realidade, à missão que lhes confiou o já falecido arcebispo vietnamita, se excetuarmos a figura de Mons. Moisés Carmona, bispo de Acapulco. Enfim, uma multidão de grupos e/ou figuras que repartiríamos entre Tradicionalistas e Sedevacantistas. Entre estes me incluo, ininterruptamente, desde o falso papa, antipapa ou papa deposto João XXIII até agora.

Minha pretensão é esclarecer o enigma de Mons. Lefebvre, dentro desse quadro provisório e incompleto, é claro, eu sei, mas que pretende apenas oferecer um marco necessário para discernir a personalidade de Mons. Lefebvre e seu combate real, ou suposto, contra a apostasia de Roma.

Devemos retroceder ao período inicial do Concílio Vaticano II, convocado pelo falso papa João XXIII, ao seu desenvolvimento ulterior e reabertura pelo falso papa Paulo VI e à corporação episcopal de padres conciliares, ou Coetus, fundada por Lefebvre e estimulada, entre outros, pelo Cardeal Siri e talvez pelo próprio Ottaviani, então "gendarme da Fé", como resposta às manobras de Roncalli e de Montini, e de toda a "máfia" modernista e satânica, que então se apoderara do Concílio e da Igreja. Essa linha do famoso Coetus fracassou, sem dar também testemunho público de sua oposição ao modernismo instaurado no Concílio e pelo Concílio, e sem proclamar a nulidade das atas e atos de Roncalli e dos demais. Eis aqui a primeira manobra de Mons. Lefebvre, denunciada vigorosamente pela revista francesa *Les Trompettes de Jericho*, e depois pelo padre De Pauw (Estados Unidos), ou seja, construir para si uma imagem de defensor fiel, com o apoio sem dúvida de gestores vaticanos que já sustentavam a apostasia. Começam as atividades "pastorais" de Lefebvre em suposta oposição ao Concílio e aos falsos papas; essas atividades culminarão uma primeira fase que se estende desde a fundação do Coetus já mencionado até a fundação de Ecône, com o apoio precisamente de Paulo VI, que concede ao seminário estatuto de canonicidade e, por conseguinte, um pano de fundo de legitimidade, conferido pelos próprios apóstatas.

Devemos considerar em seguida a ruptura com Paulo VI, a extensão da Fraternidade ao mundo inteiro e a pretensão de erigir uma jurisdição

universal, origem da situação atual do lefebvrismo. Ou, ao menos, sua jurisdição real na Europa, na América do Norte e do Sul, e as manobras para absorver, extinguir ou desarticular os grupos “tradicionalistas” independentes, propensos a não aceitar a liderança de Mons. Lefebvre. Dessas insídias ocupou-se pormenorizadamente, às vezes, a revista EINSICHT. Mas agora não interessam os detalhes de tão surpreendente atividade pastoral, e sim o resultado final que se visualiza nas ruínas romanas aludidas; diante do autoritarismo católico de Wojtyla ergue-se, em paridade de pretensão doutrinal, o autoritarismo de Econe, e diante do pseudo-papa romano, ou antipapa, projeta-se, para os fiéis desinformados, a imagem de um substituto concreto, que assegura a continuidade vertical do romanismo: o pseudo-papa M. Lefebvre. Por quais canais podem transitar os fiéis, geralmente desinformados? Esta é a mais grave pergunta que poderia ser formulada a um lefebvrista sincero e convicto, convicto do postulado fundamental de Econe, a saber, Monsenhor salva a Igreja, o que é, por si só, uma temeridade e uma apostasia larvada.

Devemos considerar em seguida a ruptura com Paulo VI, como já disse, sobretudo porque conciliação e ruptura fornecem o esquema que voltará a ocorrer com Ratzinger–João Paulo II. Quem é, pois, Lefebvre? Correspondem, assim, ulteriormente, os entusiasmos e as tratativas com Wojtyla. Nelas devemos distinguir:

I. fase de reconhecimento e reconciliação, que eu chamaria de fase do minueto;

II. fase de tensões, que parecem ruptura, mas que trazem recomposições diversas;

III. fases de negociações, com limites prescritos e preanunciados, com João Paulo II via Ratzinger, o que leva fundamentalmente ao estado de “ruptura” atual, se é que o é de verdade.

Se resumirmos esse complexo itinerário, diríamos que o objetivo de Lefebvre, ou dos mandantes de Lefebvre, foi gerar uma estrutura paralela à “igreja romana” do Vaticano, estrutura que parece ter dois propósitos:

I. oferecer um marco externo para todo o “tradicionalismo” e para todo “tradicionalista”, desde que aceite a autoridade e a tática de Econe;

II. combater de maneira muito mitigada a apostasia romana, sem romper com a autoridade —irrita— romana, precisamente por causa da apostasia, na cuja autoridade se funda, em última instância, a “seita de Econe”, e sem romper, evidentemente, com o “papa”, nem declarar previamente a “vacância da Sé Apostólica”. Podemos inferir, portanto, que, se fosse necessário para os fautores do projeto Lefebvre, a proclamação da Vacância ficaria como última ratio, para convencer os mais duros.

Desde já esclareço que não aceitarei essa alternativa e não me somarei à divisão tática das duas seitas, ainda que Mons. Lefebvre proclamasse tal vacância.

Não nos colocamos aqui os problemas de consciência, nem a clareza ou autenticidade doutrinária nos propósitos de Ecône. Simplesmente discernimos, na objetividade de quinze anos de marcha contraditória e equívoca, o resultado empírico: um eixo pressiona para a totalidade do catolicismo, eixo marcado por uma dupla verticalidade autoritária, com pretensões de jurisdição universal, que reclama, na apostasia, o primado sobre a FÉ. Para esse eixo, a primeira grande curva lefebvrista se fecha com a “consagração” de novos “bispos” à margem da seita wojtyliana. A seita do ocupante de Roma, por sua vez, pretende, por sua falsa jurisdição universal — caduca e inexistente na realidade —, pretende, digo, diluir a seita de Ecône por meio de um acordo de respeito mútuo, salva, claro está, a “autoridade” do “papa romano”, simples ocupante da Sé Romana, como sabemos. Até este ponto chegamos. Mas, evidentemente, essa situação de trégua não representa o fundo da controvérsia; ao contrário, creio que se inicia uma segunda fase na luta entre os dois “romanismos”, entre as duas seitas, para aniquilar a FÉ verdadeira; para dispersar, controlar ou esmagar os fiéis verdadeiros, que não poderiam ser fiéis da segunda Besta apocalíptica (Wojtyla), nem salvar a FÉ nem a doutrina na “seita maçônica de Ecône”. Que será, pois, dos sinceros lefebvristas? Que será de nós nessa descomunal luta para consolidar o poder e o “reino” do Dragão?

A seita wojtyliana, por sua vez, pretende, na apostasia, ser a Igreja Romana da Tradição, do Pontificado Romano, embora de fato anule, sem maiores trâmites, pelo exercício de uma autoridade tirânica, o conteúdo e o exercício da FÉ. A seita da Fraternidade lefebvrista pretende reservar e preservar a Tradição, numa cópia da Igreja Romana, cópia erigida, como assinalei, na negação que encerra a apostasia de João XXIII e Paulo VI. Segundo os fiéis lefebvristas, essa cópia seria imune à apostasia por vontade expressa daquele que funda a seita. E não devemos perguntar mais. Isso é inaceitável.

O que acontece então com aqueles que não aceitamos *ab initio* nem o Concílio, nem João XXIII, nem Paulo VI, nem Joões e Paulos, nem a destruição do Culto, da *mystica*, da *Theologia*? E com aqueles que tampouco aceitamos, igualmente *ab initio*, o itinerário de Ecône, como ocorre no meu caso pessoal, conforme pode ser inferido da entrevista e do diálogo que mantive em Buenos Aires com Lefebvre, em julho de 1977? É essa situação que me leva a delinear um resumo, precário é verdade, mas não menos nítido. Estou persuadido de que a "igreja romana" de Lefebvre atua igualmente na apostasia, que anula, por seu postulado, a *Ecclesia* do Credo —nem grega nem romana— e se exclui, por isso mesmo, da sentença generalíssima: só a Igreja salva; ninguém pode salvar a Igreja, pois afirmá-lo seria uma contradição.

Chegados a este ponto, devemos concentrar agora nossa atenção em Mons. Lefebvre propriamente dito, isto é, em sua figura de arcebispo, afetada por contradições que aumentam nosso estupor e nossa desconfiança. Refiro-me em particular à sua condição de sacerdote e bispo, resultante de uma consagração concedida e transmitida pelo apóstata "cardeal" A. Liénart. Possuímos hoje clareza suficiente sobre essa figura nefasta da hierarquia romana. O próprio Lefebvre, em um discurso ou homilia proferida no Canadá há alguns anos, admitiu que Liénart era afiliado à Maçonaria. Em um momento em que Lefebvre acusou de "cismáticos" os Sedevacantistas, publiquei uma nota na revista La Hosteria Volante nº 31, de La Plata, Argentina ("Ecône, colateral da Roma apóstata"), com a qual pretendi rejeitar as acusações absurdas de Lefebvre

e recordar o problema de sua legitimidade canônica. Pois dessa questão depende, como é lógico, a legitimidade canônica e sacramental de toda a sua obra; mas ela também revela o vínculo que o mantém aderido a João Paulo II, sem dúvida instrumento do poder satânico dentro da Igreja. São muitos, por outro lado, os testemunhos que enfrentam essa questão da legitimidade canônica de Mons. Lefebvre. Recordemos, por exemplo, a revista EINSIGHT, fevereiro de 1984, que resume a carreira maçônica de Liénart desde 1912; a nota do Abbé Henri Mouraux (EINSIGHT, outubro de 1988); e, sobretudo, o longo artigo do bispo Louis Vezelis, O.E.M. (da linha do arcebispo vietnamita), sobre A Pessoa de Mons. Lefebvre (EINSIGHT, outubro de 1988, p. 87–90). Pelo mesmo número da revista EINSIGHT tomamos conhecimento da carta dirigida pelo arcebispo vietnamita Mons. P. Martin Ngo-Dinh-Thuc ao próprio Lefebvre; nela o arcebispo afirma que o referido “cardeal” Liénart nunca foi católico e que a consagração de Lefebvre é nula.

Afastemos agora os nobres sentimentos do Arcebispo vietnamita e a soberba manifesta do fundador de Ecône. Só nos interessam aqui as comprovações objetivas. Segundo elas, há motivos de sobra para pôr em dúvida a legitimidade e a realidade sacramental do bispo Lefebvre. Penso que isso constitui a força oculta dos mandantes de Lefebvre, que são os mesmos mandantes de Wojtyla e Ratzinger. Qual é então o sentido da seita de Ecône? Wojtyla e Lefebvre são criados na apostasia manifesta. George de Nantes ou não quer ou não pode se desvincular dessa apostasia manifesta. Wojtyla, Lefebvre e De Nantes respondem a bastidores do Vaticano, que, de minha parte, não posso precisar, mas que, recordando as advertências de Leão XIII e São Pio X, não custa muito imaginar. A seita satânica tem um mandatário direto em Wojtyla e outro indireto em Lefebvre e sua seita de Ecône. Quanto ao Abbé de Nantes, é para mim outro enigma que seria necessário esclarecer em algum momento oportuno.

A luta contra a apostasia transcorre num “eclipse de sol” e, enquanto isso, Roma se consolida como “sede do Anticristo” (La Salette). E sabemos: “seule la Foi vivra”. Se estiver correta a descrição e o resumo

que tentei, podemos suspeitar que se aproxima o fim do reinado deste antikhristos (Wojtyla) e que se prepara o seu sucessor na apostasia, com os entusiasmos, sempre iniciais, de Ecône e da Contre-Réforme Catholique. Pois São João distingue entre os “antikhristoi” e o Anticristo. E Santa Hildegarda, por sua vez, descreve com bastante nitidez o “reino” deste. Tudo isso é o que temos de pensar e meditar.

Dr. Carlos A. Disandro

Alta Gracia, Argentina – janeiro de 1989

INTRODUÇÃO

Enfrentamos uma situação-limite na Igreja. Distingo, por comodidade, três contextos, sumariamente delineados.

Primeiro, o da seita, a GRANDE SEITA erigida e alimentada canônica e doutrinariamente por João XXIII, Paulo VI e João Paulo II, e pela quase totalidade dos bispos.

Em segundo lugar, a Seita de Ecône, fundada por Lefebvre e segundo acordo com Paulo VI; que reivindica para si a sustentação e o exercício da Tradição. Essa seita é um verdadeiro cefalópode. Apesar de suas divisões, rupturas e dissidências internas, congrega sem dúvida uma boa parte de católicos, mitigados ou não, desiludidos com a manipulação de Roma–Vaticano II.

Enfim, a linha de bispos e fiéis cuja cabeça canônica e espiritual é o Arcebispo vietnamita Mons. Thuc, discutido, ignorado, vilipendiado e, talvez, assassinado.

Entre os fiéis, por sua vez, produziu-se uma dispersão complexa e difícil, já preanunciada por Mateus 26,31 e Marcos 14,27: percutiam pastorem et dispergentur oves. Esse texto, e outros convergentes, não anunciam apenas a paixão e morte do Senhor, mas também o Getsêmani da Igreja. Nele estamos sem pastor. Como se interpretam então as palavras: percutiam e dispergentur?

Resta um único caminho para a Fé. Ser proclamada, a fim de enfrentar, seja qual for a sua manifestação, a Apostasia explícita ou larvada.

Em transe de meditar este *mysterium iniquitatis* que é a Apostasia, prefiro repartir os campos semânticos que conformam o seu desenvolvimento nestes últimos trinta e cinco anos, sem desconhecer os antecedentes que remontam muito mais atrás. No entanto, nesses trinta anos, a Apostasia tornou-se explícita na autoridade, colocada a serviço de uma conjura contra a FÉ, para extinguir os FIÉIS. Pois esta é a primeira tese que é preciso reafirmar: a APOSTASIA não é um estado passivo,

inerte, por corrupção ou extinção da Fé. É uma militância operativa, totalitária, que busca a aniquilação da FÉ e dos FIÉIS, sem levar em conta absolutamente a MISERICÓRDIA que deriva precisamente da FÉ. Passamos da Apostasia bonachona e humanitária (João XXIII) à Apostasia militante, totalitária; e contra esta há apenas uma resposta, cujo modelo resplandece no protomártir Estêvão.

A segunda tese delineia a própria natureza da Apostasia. Não é um reino guerreiro, conduzido por capitães soberbos, à conquista e à morte dos cristãos pelo orbe. É manipulação, doçura, humanismo e emoção caritativa para coaligar, emulsionar, descerebrar e consumar a transformação total do HOMEM DE FÉ.

A terceira tese comprova a condução estratégica da Apostasia na Roma sob João Paulo II, cujo reino se aproxima do seu fim (escrevo isto em 31 de julho de 1992), para ceder essa condução estratégica a um tirano "apostólico" de rosto novo. O combate, portanto, se intensificará e os FIÉIS viverão na solidão.

A estratégia a que aludo consiste, no mais puro estilo leninista, em marchas e contramarchas, para avançar sempre na destruição dos fiéis. Por isso falaremos, em um parágrafo à parte, sobre a "Apostasia com rosto de Tradição".

As três teses, que comportam vastas projeções, são, pois: I) a Apostasia é uma militância ativa, hierárquica; II) a Apostasia não é um reino bélico, é manipulação na doçura e na obediência; III) a terceira tese, enfim, comprova uma condução estratégica mundialista, empunhada por Roma ariana, centro do "poder mundial".

Examinarei brevemente os campos que poderíamos delimitar para o perfil da Apostasia Ecumênica, totalmente contraposta, portanto, à Eudokia do Canto angélico do Gloria. Esta, a Gloria, é Luz, fulguração, esplendor. A Apostasia é o domínio da skotía contra a luz (cf. o Prólogo joanino).

Eu distinguiria, pois, Apostasia Litúrgica, Apostasia Canônica, Apostasia Teológica, Apostasia Temporal, cultural-política. E, enfim,

Apostasia com rosto de Tradição. Vejamos, portanto, cada delimitação semântica, sem prejuízo de manter uma discreta reassunção de outros pormenores. Meu texto pretende ser um documento de reflexão sistemática, mas não um encerramento reducionista do próprio tema, que oferece outras vertentes.

I. APOSTASIA LITÚRGICA

Consiste substancialmente na destruição do culto e do rito romanos, substituídos por confusas adulterações. Mas aqui nos interessam as vastas consequências que implica o desmoronamento da oração, da mystica da interioridade como continuidade e permanência do Logos na história. Pois, nos efeitos dessa "apostasia", crescem espaços maciços de poder, não enquanto territórios, países (geografia, diríamos), mas enquanto *humanitas* concreta (América, Europa etc.). Pois esses "espaços de poder", na geopolítica mundialista instaurada, instituem uma nova sacralidade, desligada de todo mito, de todo rito, de todo sacerdócio. É a "sacralidade fática" do paraíso, despojado de todo símbolo e de toda anábasis unificadora e plenificante, para repousar no puro conhecimento carnal dos "gigantes". Considero, pois, a "apostasia litúrgica" como o signo primordial do mundialismo planetário tirânico.

II. APOSTASIA CANÔNICA

Às *res eximiae* destruídas no primeiro passo, segue-se a destruição da letra e/ou do texto sagrado, que para a Antiguidade cristã é um grau na encarnação do Logos. Interrompe-se, pois, em todos os níveis possíveis da "letra", a sua referência às *res divinae*, e perece também aquilo que consideramos *res publica*, como domínio do *logos* instaurador, vivente e multiplicador. Mas uns são os efeitos na *Ecclesia*, e outros na *Civitas*. O poder de gerar novos espaços geopolíticos, repletos de massas alienadas, advém, pois, também da Apostasia canônica, que se torna explícita no "Novo Evangelho", a nova cristandade esvaziada de semântica divino-humana.

III. APOSTASIA TEOLÓGICA

Esta tem uma história sinuosa, sem dúvida. Mas devemos nos referir particularmente à linha descrita pelo Cardeal Siri (†) em seu livro misteriosamente silenciado e escamoteado pelos heresiarcas arianos do Vaticano II e por sua hierarquia irrita e deposta segundo a Bula de Paulo IV. (Cf. GETSEMANI).

Reflexões sobre o Movimento Teológico Contemporâneo, Ed. Hermandad de la Santísima Virgen María, Centro de Estudios de Teología Espiritual, Colección “Pensamiento Católico”, Toledo-Ávila, 1981).

De Maritain a Henry de Lubac, que acaba de falecer, resume-se esta Apostasia na despossessão da Graça e da Santidade ao outrora povo cristão. Rahner, Lubac, Teilhard, entre nós Quiles e outros falsos doutores, consumaram a destruição do edifício teológico, como sinal da demolição da “Cidade Celestial”, isto é, o edifício da Igreja, como o antecipou Ana Catarina Emmerich, em suas *Visions*, e antes Santa Hildegarda. Mas a confluência dessa Apostasia com os poderes aquerônticos mundialistas ativa e representa “a destruição da humanidade”. Por isso, pois, “Apostasia” e “Poder” constituem um dado fundamental para compreender a *quaestio* que propomos nesta breve nota sobre Geopolítica.

IV. APOSTASIA CULTURAL

Descemos assim à vasta expansão do que chamo, por comodidade recapitulativa, apostasia cultural, que a seu modo foi delineada por Allan Bloom em seu livro *The Closing of the American Mind*. Contudo, entendo neste capítulo a apostasia linguística das fontes hiperbóreas e, por conseguinte, a apostasia semântica, cultural, estética e política, cujo efeito é a “emulsão” totalitária e planetária, de cujo nível entenebrecido deve surgir “o deus deste éon” (*theós toû aiônou toútou*) como função e exercício do poder planetário. Chamaríamos isso de “apostasia” do *Nous*, apostasia noética em busca do reino massivo da função biológica dirimente. Já não a clareza da luz joanina, nem a regência do Logos Hiperbóreo e Agapístico.

V. APOSTASIA E TRADIÇÃO

Resta delinear a Apostasia com rosto de “Tradição”, a “tradição de sempre”, o ensaio da “tradição de sempre”, em meio à Grande Apostasia, que na verdade pede um São Atanásio, ou um São Hilário de Poitiers. Por isso chamei Ecône de “colateral” da Roma apóstata (cf. *La Hostería Volante*, nº 31, ano de 1981).

Que caminho resta para a Igreja senão Getsêmani e o deserto anacorético?

Setores diversos do que eu chamaria a frente do sedevacantismo, embarcada no programa de *eligendus est papa* (ou seja, de algum modo na montagem do concílio imperfeito), colocam-me na falange dos pessimistas (cf., entre outros, a revista Kyrie Eleison). Mas não é assim. E convém esclarecê-lo novamente. Não há pessimismo algum no “combate da Fé”, segundo o sentido explicado na minha interpretação de São Atanásio. A Fé pode produzir o milagre de deslocar a montanha de mentiras, entre outras, aquelas que cobrem como trevas a função sagrada do pontificado romano. Confundir o vigário com a cabeça vivente de um vivente é a obra magistral da Apostasia Clerical, a única que, em definitivo, interessa como condução luciferina contra a Fé.

Meus pontos de vista são muito claros, embora, evidentemente, na situação hodierna não pretendam ser exaustivos. Aceito toda crítica à minha modesta obra teológica, assumida desde o fim de Pio XII. Mas o qualificativo “pessimista” suprime a virtude da esperança que acompanha a Fé. Pois Fé é, segundo expliquei ao longo de quase cinquenta anos, proferição da Fé, é semântica da Fé. E, se não, é NADA. A Apostasia é igualmente uma proferição luciferina —*loqui sicut draco*— e, por conseguinte, uma semântica que pretende entenebrecer a Fé.

VI. OS ESPAÇOS DE PODER

Segundo essas escalas reais, repartem-se, por obra das lojas esotéricas, depositárias desse novo poder antroposófico, os espaços da terra, as raças, as línguas e, diria, do cosmos, redimensionado pela Nova Ciência do Big

Bang, novo evangelho evolucionista e ateu. É a religião do ateísmo que urge dos jesuítas apóstatas já mencionados. É *das Glauben der Gott-loser*, a “fé dos sem-deus”, a “lei leninista” triunfante no mundo.

Os “espaços de poder” provavelmente se dirimirão, tal como os entendia Wladimir Soloviev, entre “raça amarela”, “raça negra” e “raça branca”, como se pode advertir no panorama dos Estados Unidos. E é nessas instâncias tão dramáticas que se replanteja a história da nossa América e o seu enfrentamento com tais espaços de poder massivo, massacrador, manipulador e contrahumano.

Nossa luta teológica, iniciada no Instituto de Cultura Clássica “Cardeal Cisneros” (La Plata), há trinta anos, e continuada com o Instituto “São Atanásio” (de Córdoba), hoje dissolvido por exigências táticas do combate implacável, essa nossa luta teológica investe, pois, uma concepção geopolítica, enfrentada a Roma, cabeça da Apostasia cristã.

As guerras periféricas que se sucedem sem pausa e sem qualquer relutância diante da chacina de inocentes têm também a resposta da Intifada, na qual adolescentes e jovens palestinos lutam com fundas contra o poderoso e tecnificado exército de Israel. Fundas, modelos para a nossa Segunda Guerra da Independência, que é uma guerra cultural, política e teológica, na qual brandimos o sentido absoluto do Evangelho Agapístico, a Cultura do Signo Teândrico e a Política do Empirismo Construtivo e Pacificador contra os nômades predadores e usurários, que devemos expulsar de nossa terra sagrada. Mas também essa confrontação resulta num combate doutrinal contra o rabinato clerical do Ocidente, contra o Talmude romano, que pretende subverter a raiz ôntica e mistérica da *Ecclesia* e, por conseguinte, cegar as “fontes da cultura”. Assim, de modo simples e omnicompreensivo, resume-se a complexa semântica de uma obra fundada em São Atanásio, o Magno Doutor cuja inspiração imploramos.

Dr. Carlos A. Disandro
1993